

Samuel Edmundo Lopez Bello  
Grace Da Ré Aurich  
Gilberto Silva dos Santos  
(Orgs.)

**DELEUZE** **É** EDUCAÇÃO  
**É** MATEMÁTICA **É**

*RaChar aS colSAs, raChar As paLavras*

**Samuel Edmundo Lopez Bello  
Grace Da Ré Aurich  
Gilberto Silva dos Santos  
(orgs.)**

# **Deleuze E Educação E Matemática E...**

**rachar as coisas, rachar as palavras**

**E-book**



São Leopoldo  
2022

© Dos autores – 2022

Editoração: Oikos

Capa: Grace Da Ré Aurich

Imagem da capa: Paola Zordan

Revisão: Geraldo Korndörfer

Diagramação e arte-final: Jair de O. Carlos

Conselho Editorial (Editora Oikos):

Avelino da Rosa Oliveira (UFPEL)

Danilo Streck (Universidade de Caxias do Sul)

Elcio Cecchetti (UNOCHAPECÓ e GPEAD/FURB)

Eunice S. Nodari (UFSC)

Haroldo Reimer (UEG)

Ivoni R. Reimer (PUC Goiás)

João Biehl (Princeton University)

Luiz Inácio Gaiger (Bolsista de Produtividade CNPq)

Marluza M. Harres (Unisinos)

Martin N. Dreher (IHSL)

Oneide Bobsin (Faculdades EST)

Raúl Fornet-Betancourt (Aachen/Alemanha)

Rosileny A. dos Santos Schwantes (Uninove)

Vitor Izecksohn (UFRJ)

Editora Oikos Ltda.

Rua Paraná, 240 – B. Scharlau

93120-020 São Leopoldo/RS

Tel.: (51) 3568.2848

contato@oikoseditora.com.br

www.oikoseditora.com.br

D348 Deleuze E Educação E Matemática E... rachar as coisas, rachar as palavras [e-book]. / Organizadores: Samuel Edmundo Lopez Bello, Grace Da Ré Aurich e Gilberto Silva dos Santos. – São Leopoldo: Oikos, 2022. 259 p.; il.; color.; 16 x 23 cm. ISBN 978-65-5974-074-1  
1. Matemática – Estudo e ensino. 2. Deleuze, Gilles. I. Bello, Samuel Edmundo Lopez. II. Aurich, Grace Da Ré. III. Santos, Gilberto Silva dos. CDU 51: 37.02

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Eliete Mari Doncato Brasil – CRB 10/1184

# O QUE A CARTOGRAFIA PODE RACHAR?

*Veronica de Lima Mittmann<sup>1</sup>*

*Claudia Glavam Duarte<sup>2</sup>*

## 1 O que a cartografia pode rachar?

Suspender o céu é ampliar o nosso horizonte;  
não o horizonte prospectivo, mas um existencial.  
(KRENAK, 2020, p. 32)

Man geht zu Grunde,  
wenn man immer zu den Grunden geht<sup>3</sup>.  
(NIETZSCHE, 1988, p. 55)

Primeiro o corte. Suspense-se a escalada ao céu em busca da imagem de um ideal, de algo completo, verdadeiro, perfeito, para expandir a vida. Da mesma forma, corta-se o fio do perfurador de solo que insiste em ir ao fundamento, à essência. A matéria do pensamento é o mundo. Folhas, lápis, livros, limpa lentes, giz, telefone, barulho, ritmo, vassoura elétrica, janela, cortina, corpo, bicho, grama, ar ...

A escolha por não procurar constantemente por representações e por verdades é um exercício arriscado, pois nos coloca no campo das experimentações e, nesse sentido, não há roteiros prontos e os itinerários são imprevisíveis, pois

[...] não se desfunda para “descobrir novas profundezas”, mas para envolver-se com a “produção de novas superfícies”. Ao fazer buracos na praia, uma criança se diverte com novas superfícies na matéria que ela escava, como quem não teme e nem busca um sem-fundo inesgotável. Passando por

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Educação em Ciências – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS. E-mail: veronica.mittmann@ufrgs.br.

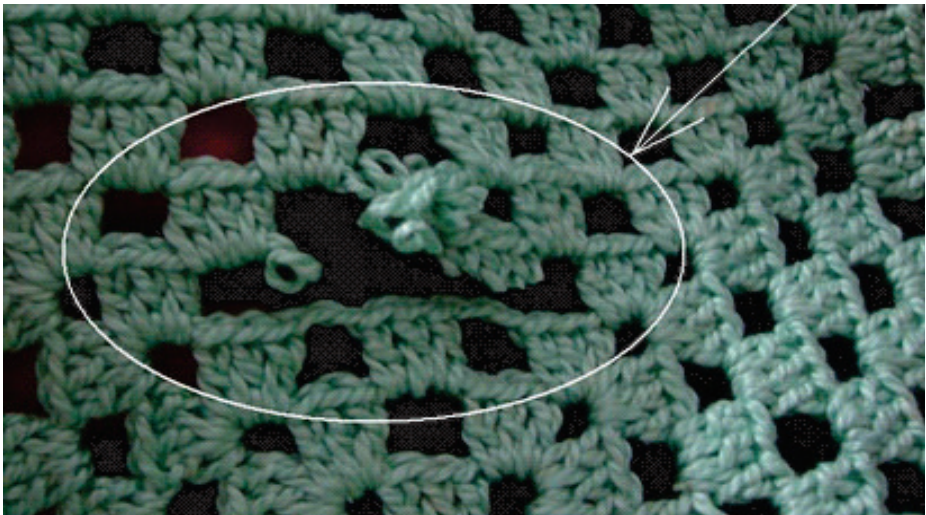
<sup>2</sup> Doutora em Educação – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS. E-mail: claudiaglavam@hotmail.com.

<sup>3</sup> De acordo com BRAIDA (1994, p. 40), a tradução seria: “afunda-se, quando se vai ao fundamento”.

algum encontro intensivo, o pensar também curte fazer buracos nos fundamentos, farejando saliências ou depressões, contornando ressaltos, proeminências ou zigzagueando por ranhuras, tomado por um afã de garimpeiro ou por um aprendizado de ressonâncias. Isso quer dizer que há um trabalho produtivo no escavar típico do desfundar (ORLANDI, 2018, p. 226).

Fazendo buracos nos fundamentos e rachando o já dado, bem como de costas para um suposto ideal (tanto das alturas quanto os do subsolo), a cartografia possibilita rachar formas que parecem consagradas e verdadeiras, para viabilizar novas composições. Com isso, o percurso cartográfico pretende rachar, em um primeiro movimento, as compreensões do que seria uma metodologia de pesquisa, porque não entende o percurso metodológico como um caminho pronto, em que bastaria ao pesquisador seguir algumas premissas para confirmar ou refutar hipóteses. Na cartografia não há hipóteses, pois não há como prever os encontros e o que esses poderão provocar. O que existe são possibilidades de ligações instáveis, linhas que, depois de soltas, fazem novos nós. Sejam esses nós das linhas e/ou outros de nós mesmos.

Figura 1



Fonte: Falando de crochet.blogspot. Disponível em: <<https://falandodecrochet.blogspot.com/2011/05/como-cirzir-croche.html>>. Acesso em: 28 set. 2021.

Contudo, cabe ao cartógrafo se preparar para ingressar no campo, isto é, prestar atenção naquilo que acontece ao seu redor e consigo mesmo,

estranhar o que parece corriqueiro, já dado e de fácil compreensão, suspender o tempo da correria para que os conceitos possam ser ruminados, potencializar o pensar de corpo inteiro. Nesse sentido, o cartógrafo precisa degustar a audição, olhar o olfato, cheirar a visão, sensibilizar a pele, pois necessitará desses sentidos para perceber sombras, toques, aromas e sussurros. Esse pensar de corpo inteiro pressupõe também um exercício de sensibilização e de audição, pois nem sempre estamos acostumados a ouvir o nosso corpo. O corpo fala e, muitas vezes, grita. Um som que também é movimento, e um movimento que também é sensação: olhos, pele e sangue. São vísceras entoando gargalhadas ou dor, é o ar que falta ou que infla a existência, são tiques, ou o sangue à flor da pele (por amor ou horror, por vergonha ou paixão), olhos gelados ou mãos quentes. Músculos tensos ou pés suados. Ler o corpo é um exercício de estender superfícies, de fazer peles. Não qualquer pele, mas uma que possa afectar<sup>4</sup> e ser afectada pelos encontros. Epiderme extensa e intensa: moléculas, células, bactérias, água, energia, sangue, átomos, elétrons, prótons, neurônios, signos. Pois,

Essa pele afectada pelos encontros, pelo que vem de fora, cria um texto-tez, sensível aos afetos, ao clima, aos acontecimentos. É um processo de estiramento, um desenrolar de linhas, linhas de devir que se estendem no plano de conceitos e das percepções transformadas em perceptos (ZORDAN, 2019, p. 24).

Ao suspender céus, a cartografia vai possibilitando a existência de horizontes, e essa prática de suspensão pode ser também um exercício de rachar, isto é, racham-se palavras para variar compreensões, racham-se binômios para possibilitar complexidades, racham-se normas para pensar diferente, pois não se busca isto ou aquilo, mas isto e aquilo.

---

<sup>4</sup> Deleuze (2002) diferencia afecção de afeto. Afecção seriam os efeitos produzidos no corpo ao se relacionar com outro corpo e afeto seriam os efeitos produzidos no espírito nessa relação. Além disso, há ainda uma diferença de duração, isto é, as afecções seriam o estado do corpo afetado na presença do corpo afetante, e o afeto seria quando há uma continuidade. Haveria também, duas espécies de afecção: uma delas se refere à natureza do corpo afetado, e a outra se refere às relações do indivíduo com o exterior, denominadas paixões, que seriam de duas espécies: paixões tristes, quando somos afectados por um corpo que diminui a nossa potência de agir, e as paixões alegres quando aumentam nossa potência de agir. Assim, o afeto emana dessa afecção e, quando essa potência de agir aumenta, chamamos alegria, que se torna amor; quando nossa potência de agir diminui denominamos tristeza e torna-se ódio. Assim, os maus encontros diminuem e endurecem a vida e os bons encontros expandem a nossa existência. Com isso, “o afecto não é um sentimento, pessoa, tampouco uma característica, ele é a efetuação de uma potência de matilha, que subleva e faz vacilar o eu” (DELEUZE; GUATTARI, 2012c, p. 22).

Além disso, o cartógrafo necessitará de alguns devires e isso depende do seu campo de pesquisa e do que a pesquisa provocará, pois cada lugar se compõe com diferentes agenciamentos. Para Deleuze e Guattari (2012c), os devires seriam menores e essa menoridade não se refere ao número de indivíduos que compõem um devir, mas por ser aquilo que escapa à norma. Devires seriam multiplicidades de diversos termos que possibilitam o pensamento, pois guardam potência em suas diversas virtualidades. Devires seriam moleculares e extraem velocidades e lentidões das partículas às quais devêm, para instaurar vizinhanças. Não são filiações, mas alianças e contágios que operam por meio de agenciamentos. Devires nunca são um indivíduo, mas multidão, bando, matilha. São os devires que possibilitam as criações e as invenções, porque devir é movimento e composição. Devires não seriam interpretados, mas experimentados.

O devir não produz outra coisa senão ele próprio. É uma falsa alternativa que nos faz dizer: ou imitamos, ou somos. O que é real é o próprio devir, o bloco de devir, e não os termos supostamente fixos pelos quais passaria aquele que devêm. O devir pode e deve ser qualificado como devir-animal sem ter um termo que seria o animal devindo. O devir-animal do homem é real, sem que seja real o animal que ele devêm; e, simultaneamente, o devir-outro do animal é real sem que esse outro seja real (DELEUZE; GUATTARRI, 2012c, p. 19).

Nesse sentido, seriam possíveis devires do cartógrafo, o devir-rato, para cheirar, fuçar, roer; devir-criança, para estranhar e se surpreender com o corriqueiro; devir-aranha, para perceber com a sua teia a direção do vento, as forças que habitam o campo, devir-pedra, para assentar e observar, devir-planta para perceber o sol e fazer fotossíntese ou afecto e percepto síntese, devir-folha, para se deixar levar, por alguns momentos, pelas sensações, pelo tempo, pelo vento sem a necessidade (de acreditar) estar sempre no controle.

Cartografar é um verbo no infinitivo que pressupõe um movimento que aglutina todos os tempos: passado, presente e futuro. Ademais, é um verbo sem sujeito, pois quem cartografa é uma hecceidade: aquilo que é, ao mesmo tempo, bicho, humano, planta, mineral, metal, matéria viva e matéria morta, bactérias, fungos, átomos, queima, ar e água. Além disso, também teríamos um devir máquina e nós mesmos seríamos máquinas autopoieticas, pela capacidade que temos de autocriação, e máquinas desejanças, por nossa disposição de desejar. Para Guattari (2012), a utilização do termo máquina seria apropriada por essa estar em oposição à estrutura. Isto é, as máquinas seriam mais dinâmicas e estariam em constante modificação.

A máquina será doravante concebida em oposição à estrutura, sendo essa associada a um sentimento de eternidade, ao passo que a máquina implica uma relação de emergência, de finitude, de destruição e de morte que associa a phylum possibilistas criadores. Das máquinas técnicas às máquinas abstratas a autopoietica engendra as objetividades-sujeidades de um tempo que se instaura no cruzamento de componentes engajados em processos de heterogênesse (GUATTARI, 2012, p. 68).

Nesse sentido, em vez de uma forma “natural” e “uniforme”, somos máquina e agenciamos elementos diversos. Um rizoma que se inventa e se transforma para viabilizar a vida. Com isso, devimos-máquina e devimos-animal. Somos um sistema complexo que ultrapassa as formas binárias: homem/mulher, criança/adulto, homem/máquina, mulher/animal. Contudo, são essas diferentes nuances que também estão em movimento e se modificam, que tornam as vidas singulares. Além disso, os diferentes elementos que nos constituem, essas forças diversas, estão em constante disputa. Não há harmonia interna ou externa, mas conflitos que possibilitam movimento e devir.

Cartografar seria um processo, isto é, buscar seguir os movimentos e as transformações das multiplicidades. Assim, nunca se é, mas se está, pela possibilidade de movimento. Cabe destacar que o termo multiplicidade ao qual nos referimos não seria, simplesmente, um aglomerado de unidades, ou de indivíduos diferentes entre si. Mas agenciamentos que compõem uma hecceidade. São as nuances produzidas pelos diferentes devires que tornam, por exemplo, uma singularidade também bicho, também planta, também água. As multiplicidades poderiam se agrupar de duas maneiras: multiplicidades de conteúdo e multiplicidades de expressão. As multiplicidades de conteúdo seriam os agenciamentos maquínicos de corpos, e as multiplicidades de expressão seriam os agenciamentos coletivos de enunciação ou regimes de signos. Cabe também destacar que as multiplicidades estão em constante modificação, isto é, uma multiplicidade não seria um elemento estático, mas dinâmico. Com isso,

As multiplicidades são rizomáticas e denunciam as pseudomultiplicidades arborescentes. Inexistência, pois, de unidade que sirva de pivô no objeto ou que se divida no sujeito. Inexistência de unidade ainda que fosse para abordar no objeto e para “voltar” no sujeito. Uma multiplicidade não tem nem sujeito nem objeto, mas somente determinações, grandezas, dimensões que não podem crescer sem que mude de natureza (as leis de combinação crescem então com a multiplicidade). [...]. As multiplicidades se definem pelo fora: pela linha abstrata, linha de fuga ou de desterritorialização segundo a qual elas mudam de natureza ao se conectarem às outras. (DELEUZE; GUATTARRI, 2012a, p. 23-24).

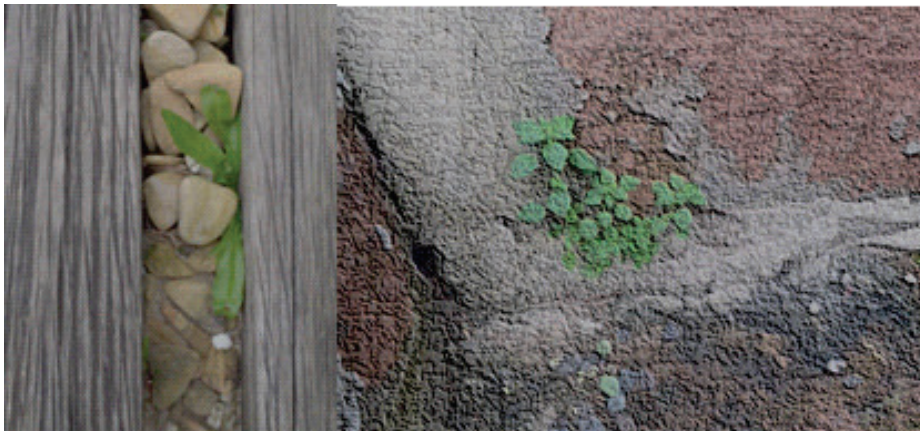


Nessa perspectiva Giorgi (2016) propõe que:

O que há são contornos, que fazem a uma só vez a consistência de uma realidade dada e seus modos de variação: o múltiplo não remete, pois, a uma lógica da diversidade, da proliferação de indivíduos (sejam corpos, posições de sujeito, pontos de vista, etc.), mas a uma lógica da individuação incompleta, que se subtrai a toda forma definitiva, que ilumina os contágios, as roçaduras, a fricção entre corpos – múltiplo é, pois, o que se subtrai a toda individualidade (GIORGI, 2016, p. 196).

São essas multiplicidades, essas linhas que atravessam a nós todos (plantas, rocha, bicho) que possibilitam os afectos e os encontros. Assim, o cartógrafo também afetaria e seria afectado pelos encontros, isto é, não seria viável a busca por uma “possível” neutralidade em uma pesquisa nessa perspectiva. O cartógrafo é aquele que abre pequenas frestas para que o infinito emerja, como plantas em um muro antigo ou nas calçadas.

Figura 2



Fonte: As autoras.

Isto é, o cartógrafo racha a norma para que a vida que já estava ali possa brotar. O infinito seria matéria não formada, é onde afectos não têm palavras e perceptos<sup>5</sup> não têm imagem. O cartógrafo experimenta a potên-

---

<sup>5</sup> Segundo Deleuze e Guattari (2010), percepção não seria o mesmo que percepto. A percepção seria “um estado do corpo enquanto induzido por um outro corpo” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 183), já “os perceptos não são mais percepções, são independentes do estado daqueles que os experimentam” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 193), isto é, o percepto é um ser de sensação autônomo. O percepto seria um elemento do plano de composição, onde o artista tira

cia quando se abre para o caos; contudo, a potência nunca será sua, pois a potência é da vida. Por meio das máquinas abstratas ou plano de imanência, seria possível transformar potência em atualizações. Contudo, uma mesma potência pode atualizar-se de maneira diversa, e são as atualizações que possibilitam a multiplicidade das potências. A pesquisa está em um plano de imanência que integra perceptos, afectos e conceitos.

O plano de imanência seria um recorte do caos, em que há a atuação da vida ou máquina abstrata. Nele convivem o virtual e o atual, ambos compondo formas de existência. É um plano constituído por multiplicidades de multiplicidades, pois cada um de seus indivíduos seria uma multiplicidade. Além disso, seria um plano constituído por hecceidades, isto é, um plano que “só conhece velocidades e afectos” (DELEUZE; GUATTARI, 2012c, p. 51). Ademais, o tempo seria o dos acontecimentos, ou seja, o tempo Aion. Nesse sentido, uma cartografia se dá em um plano de imanência, onde se faz necessário mapear as relações de velocidades e lentidões, de latitudes e longitudes e os diferentes graus, as dimensões, os contágios e as proliferações.

Um plano de imanência teria aberturas para o caos e estratificações, seria formado por matéria intensiva e por matéria extensiva, por virtualizações e por atualizações. Nessa perspectiva, o cartógrafo seria produzido ao mesmo tempo que se produz o plano de imanência. Utiliza o seu corpo e, como a aranha, produz uma cartografia que será a composição de ambiente, entranhas e ar. Assim, a cartografia será a atualização do que o cartógrafo compõe com os elementos que estão no plano de imanência. Isto é, poderá ser atualizado de maneira peculiar a depender do corpo de cada cartógrafo, que afecta e é afectado de diferentes maneiras. Um corpo que é, em si, povoamento.

[...] um modo de visibilidade do corpo vivente em que qualquer pressuposto de unidade, isolamento ou fechamento sobre si mesmo, qualquer noção do corpo entidade centrada sobre si, como unidade orgânica, é deslocada por uma visibilidade do corpo como multiplicidade, como sociedade, como agenciamento entre presenças heterogêneas. Não há um corpo individual, apropriável, privatizável: o corpo é um “acampamento”, um “povo”, uma juntura de criaturas; é sempre já um ponto de encontro, de aliança, de enlace (ou de choque, de guerra) entre forças viventes. O animal “em mim”, o animal que habita num umbral entre o próprio e o impróprio, e que interrompe toda

---

os perceptos de suas percepções, mas dá consistência a essa sensação em uma obra de arte. São seres que valem por si mesmos e excedem qualquer vivido.

noção de unidade corporal: esse animal ilumina o corpo como sociedade, o “próprio” corpo como comunidade de heterogêneos (GIORGI, 2016, p. 188).

A cartografia pode rachar o corpo do pesquisador, porque é um procedimento que necessita de corpos que vibrem. Rolnik (2014) nos propõe pensar em corpos vibráteis, produzidos nos encontros. Esses encontros, para Rolnik (2021), seriam possíveis por duas forças que atuam no sujeito. Uma dessas forças estaria ligada à percepção que utiliza os recursos ligados aos nossos sentidos: olfato, visão, audição que são logo significados, utilizando para isso a linguagem e os nossos conhecimentos sobre o mundo, e a outra força estaria ligada à capacidade de um corpo de afectar e de ser afectado, que seria denominado por Rolnik (2014) de corpo vibrátil. Esses afectos seriam vivenciados como sensações, que ainda não têm linguagem, nem há uma diferenciação bem definida entre sujeito e objeto, mas, nesse caso, a constituição de uma hecceidade<sup>6</sup>.

De um lado, a forma de expressão da força vital de um corpo nas condições da linguagem do mundo ao qual pertence e, de outro, sua força vital nas condições de um ecossistema, não só ambiental, mas também social e mental, no qual encontra-se inserido (ROLNIK, 2021, p. 27).

Na física, vibração seria a “oscilação de uma partícula, um sistema de partículas ou um corpo rígido em torno de uma posição de equilíbrio” (SILVA, 2009, p. 13). A vibração em física se refere a 2ª Lei de Newton, que propõe que a aceleração de uma partícula é proporcional à quantidade e à direção da força que agem sobre ela. Então podemos considerar que um corpo que possui um movimento direcionado de um determinado ponto a outro repetidamente está em vibração. As outras variáveis seriam a amplitude e a frequência. A amplitude seria a medida de oscilação de uma onda,

---

<sup>6</sup> As hecceidades não pressupõem uma subjetividade, mas entendem os seres como graus de potência de afetar e de ser afetado nos encontros com objetos, animais, plantas, livros, músicas, isto é, “uma individuação sem sujeito, definida por afetos, potências, intensidades” (MACHADO, 2009, p. 16). O conceito de hecceidade possibilita uma apreensão do mundo que permite “captar os sinais das forças que agitam seu corpo e provocam efeitos em nosso próprio corpo – aqui, ambos em sua condição de viventes” (ROLNIK, 2019, p. 53), que viabilizaria uma outra maneira de vivenciar os sentidos (ver, ouvir, tocar) que não somente a representação, e que a autora nomeia percepto e afeto e funcionaria em um modo extra-cognitivo, que a autora chama “saber-corpo” que seria distinto dos saberes racionais. Seríamos efeito dessas forças que constituiriam todos os seres em um só corpo e que possibilitaria a nossa existência no Plano de Imanência. “A subjetividade ganha então a possibilidade de habitar simultaneamente o sujeito e o fora-do-sujeito, em busca de retomar em suas mãos o poder de decidir o destino da pulsão, reassumindo assim sua responsabilidade ética perante a vida – é nesse processo que nos tornamos agentes da insurgência micropolítica” (ROLNIK, 2019, p. 126).

e a frequência seria o número completo de vezes que esse corpo se movimentaria. Ondas seriam perturbações que se propagam em meio físico e transportam energia sem transportar matéria e podem ser mecânicas (quando necessitam de um meio material para se propagar) ou eletromagnéticas (quando não necessitam de um meio material para se propagar). Como o corpo humano seria um meio material, então as suas vibrações seriam mecânicas. Contudo, esse corpo também é constituído por energia, já que integrado por células, formadas por moléculas. Então o corpo humano também faz vibrações eletromagnéticas. As vibrações do corpo humano possibilitam sentidos como audição, visão e fala, além dos movimentos de respiração e dos batimentos cardíacos. Com isso, de maneira voluntária e involuntária, vibramos o tempo todo.

A vibração seria integrada por três componentes: massa, isto é, o corpo onde a vibração está atuando, medida em kg; mola, que seria responsável pela rigidez do sistema analisado, e o amortecedor, responsável pelo amortecimento do sistema analisado. As vibrações mecânicas podem ser classificadas quanto à excitação: livres ou forçadas; quanto ao amortecimento: amortecidas ou não amortecidas, e quanto ao deslocamento: retilíneo ou torsional, ou combinação de ambos; quanto às propriedades físicas: sistema discreto ou contínuo; quanto às equações envolvidas: linear ou não linear. Quando um material recebe uma vibração forçada com frequência igual a uma de suas frequências naturais de vibração, entra em ressonância e passa a vibrar com amplitudes cada vez maiores. Com isso, a ressonância “ocorre sempre que impulsos sucessivos são aplicados sobre um objeto vibrante, em ritmo com sua frequência natural” (FRANCO, S/A, p. 1).

Um corpo que vibra é um corpo que pode entrar em ressonância e rachar quando atinge frequências mais altas. Esse rachar de corpos pode ser potente para pensar a constituição de sujeitos. Um corpo que racha ao experimentar uma frequência tal que se desorganize e que viabilize a criação de um corpo sem órgãos (DELEUZE; GUATTARI, 2012b), possibilitando a invenção de si. Cabe ressaltar que a constituição de um corpo sem órgãos não seria completa, pois, nesse caso, não haveria a potência para a constituição de outras formas de vida. Um corpo sem órgãos seria o corpo do desejo, onde os órgãos não têm uma função definida, mas ressoam com os fluxos da vida.

Figura 3



Fonte: TAILLEFER, Heidi. Chimera. 1998-2007. Óleo sobre tela.

Ademais, um corpo seria constituído por forças que o fazem levantar, caminhar, se alimentar, fazer dieta, cantar, queimar, digerir, reproduzir, morrer, nascer, trabalhar, enriquecer, gritar e calar. São forças que atuam nos diferentes aspectos desse corpo: químicos, físicos, biológicos e sociais. Por ser um corpo sempre instável, precário e em expansão, o cartógrafo não é, mas está sendo, porque pode em algum momento não ser mais aquilo que era. O cartógrafo e a cartografia produzida por ele são fluxos que se sedimentam com elementos provenientes também do caos e dele trazem potências para criar. O caos seria aquilo que foge à moral, à verdade, à compreensão, à razão, aos nomes, às formas.

As linhas que atuam no corpo do cartógrafo e da cartografia podem ser molares, moleculares ou de fuga. As linhas molares são as mais duras. São aquelas que constituem, muitas vezes, aquilo que vai se tornando um hábito ou uma verdade sobre aspectos educacionais ou de uma sociedade

ou ainda o instituído ou a estrutura. Segundo Zordan (2019), essas linhas seriam binárias, por juntarem um ponto “A” a um ponto “B”, traçando retas que tentam cortar o movimento que as ameaça. São as únicas linhas visíveis e também as únicas que são humanas. São as linhas da forma, da definição e dos códigos. As linhas moleculares são linhas menores e mais agitadas, pulverizam-se no ar e, ao se sedimentarem, podem endurecer e se tornarem linhas molares. São linhas caóticas e invisíveis, constituem o inumano e a multiplicidade. As linhas de fuga constituem o inesperado e podem modificar o cenário, tanto sedimentando as linhas moleculares quanto molecularizando as linhas molares. Zordan (2019) referencia Deleuze que propõe a espiral, que seria um contorno que continua em movimento, um contorno que se mantém aberto. Ademais, seriam de diferentes formas “espiralares”, mantendo a multiplicidade. Assim:

Para Deleuze, a “forma” linear notável, visto que mesmo circunscrita ainda está aberta, é a espiral. Produzida pela inflexão da curva, as espirais descrevem os movimentos excêntricos, horários e anti-horários, de um suposto ponto central. É a reta que se curva e recurva, espirala, faz mola. Estrutura básica do parafuso, a espiral, em sua formação genética, primordial, atávica, está por dentro dos mínimos encaixes maquinicos. Mas, antes de juntar parafusos e porcas ou de fixar as superfícies umas nas outras, há que se pensar o espiralar como fluxo daquilo que constantemente se desvia de si mesmo circunscurendo sempre um deslocamento. Essa circunscrição da espiral implica que esse desviar passe pelos mesmos segmentos transversais, embora em pontos distintos daquele que já passou. A espiral é uma espécie de geometria do eterno retorno que ilustra, de modo simplório, a diferença e a repetição (ZORDAN, 2019, p. 42).

Escrevemos essas linhas porque acreditamos que a cartografia possa ser um percurso-espiral de pesquisa, que fecha, pois se deseja que tenha corpo, mas que mantém a abertura para o infinito. A cartografia pode ser uma produção de bandos (o cartógrafo e os seus devires), pode habitar diferentes territórios: plano de composição, plano de imanência e plano de referência, pode compor com uma multiplicidade de elementos: afectos, perceptos, conceitos e prospectos. E pode, quem sabe, não ser nem arte, nem filosofia, nem ciência, mas também arte, filosofia e ciência.

O percurso cartográfico racha muitas coisas: racha palavras, racha subjetividades, racha verdades. A intenção de rachar nada tem a ver com destruição, mas, ao contrário, com a possibilidade de novos arranjos, de potencializar o pensamento. Rachar é intensificar o movimento. Para isso, convoca para que desertos sejam criados, a fim de que possamos olhar aten-

tamente, e olhar novamente, com mais crueldade, com mais simplicidade, com mais faro, com mais asas, com mais dentes, com mais cauda. A intenção é a de cessar, por alguns momentos, as overdoses de verdades e de normas, para exercitar pensar diferente. Ou ainda, desterritorializar o corpo, para que esse possa pensar, não só com cérebros e neurônios, mas com dedos, pés, cotovelos, pelos e pele. Pensar de corpo inteiro, com os diferentes fluxos que o atravessam.

## Referências

- BRAIDA, Celso Reni. A crítica do conhecimento em Nietzsche. In: TÜRCKE, Christoph (org.). **Nietzsche: Uma provocação**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1994. p. 33-42.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia 2**. V. 1. São Paulo: Editora 34, 2012a.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia 2**. V. 3. São Paulo: Editora 34, 2012b.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia 2**. V. 4. São Paulo: Editora 34, 2012c.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 2010.
- DELEUZE, Gilles. **Spinoza: Filosofia Prática**. São Paulo: Escuta, 2002.
- FRANCO, Deborah. **Se quiser saber mais sobre Ressonância**. Disponível em: <<https://www.ufjf.br/fisicaecidadania/conteudo/se-quiser-saber-mais-sobre-ressonancia/>>. Acesso em: 30 jul. 2021.
- GIORGI, Gabriel. **Formas comuns: animalidade, literatura e biopolítica**. Rio de Janeiro: Rocco, 2016.
- GUATTARI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. São Paulo: Editora 34, 2012.
- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- MACHADO, Roberto. **Deleuze, a arte e a filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Sämtliche Werke: Kritische Studienausgabe**. Hrsg. von G. Colli und M. Montinari. 2. Berlin/New York: De Gruyler, 1988.
- ORLANDI, Luiz Benedicto Lacerda. **Arrastões na imanência**. Campinas: Editora Phi, 2018.

ROLNIK, Suely. **Antropofagia Zumbi**. São Paulo: N-1 Edições, 2021.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental**: Transformações Contemporâneas do Desejo. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2014.

ROLNIK, Suely. **Esferas da Insurreição**: Notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: N-1 Edições, 2019.

SILVA, Samuel da. **Vibrações Mecânicas**: Notas de Aulas. Foz do Iguaçu, 2009.

ZORDAN, Paola. **Gaia Educação**: Arte e filosofia da diferença. Curitiba: Appris, 2019.